

## ■ Ação contra a Guerra Global: a caravana internacional na Palestina<sup>1</sup>

**Luca Casarini**

No dia 29 de março de 2002, ocorreu uma importante jornada de discussão interna em relação à Caravana na Palestina<sup>3</sup>, sobretudo pela necessidade de colocar em foco aquilo que está acontecendo, aquilo que estamos vivendo na Palestina do ponto de vista político, da linguagem, da perspectiva que hoje se abre de maneira completamente diversa em relação aquilo que podia haver antes do que está acontecendo.

A assembléia, muito apinhada, serviu propriamente para definir alguns pontos e procuramos escrever neste dia um documento. Um desses pontos, o principal, é que nos encontramos diante de uma reviravolta radical na situação da Palestina e do Oriente Médio e, a nosso ver, representa a aplicação daquilo que chamamos "guerra global permanente" e isto é um verdadeiro e próprio laboratório material de como o império esta construindo sua soberania em torno de mecanismos que são aqueles da guerra e, em particular, da guerra contra civis.

Isto nos levou a propor à assembléia dos delegados da Action for Peace de ontem à tarde (nós fazemos parte como desobedientes de uma caravana chamada Ação pela Paz) de não usar mais a palavra paz: queremos que se abra um novo estágio de reflexão também lingüística. Usar a palavra paz quer dizer falar também da falência de todas as tentativas de construção com a sociedade civil de uma política diferente. Sei perfeitamente que esta é uma coisa que incomoda, mas de hoje em diante nós preferimos chamar-nos "ação contra a guerra global" e não "ação pela paz", porque o termo "paz" não tem mais

<sup>1</sup> Texto extraído do *site* <http://www.sherwood.it>. Trata-se de uma declaração feita por telefone a Radio Sherwood (de Padova, Itália) no meio dos acontecimentos violentos da primeira re-ocupação de várias cidades da Cisjordânia pelo exercito israelense.

<sup>2</sup> Trata-se da Caravana de Pasqua em Israel e Palestina, ou seja da mobilização de ativistas globais, de diferentes países europeus, norte americanos e até brasileiros no intento de denunciar a violência da ocupação e da guerra naqueles territórios.

nenhum significado senão aquele de dizer que a única paz possível é uma "paz armada", paz que veda a suspensão/congelamento da situação atual - ou seja, os campos de refugiados que tornam-se campos de concentração, controle militar total em face de uma sociedade civil israelense que de fato é uma sociedade armada.

A nosso ver é muito correto, também de um ponto de vista cultural, começar a utilizar uma linguagem diversa, para sublinhar que dentro deste mecanismo de massacre e construção do gueto de uma parte, e da guerra contra os civis (com a utilização dos homens-bomba) de outra parte, não é possível pensar a nenhuma outra perspectiva que não seja aquela da imposição, que não seja aquela da guerra global permanente, que não seja aquela do "desespero". Aqui se "brinca" a quem consegue expressar mais o desespero: de uma parte há um estado superarmado e organizado em uma sociedade completamente militarizada - as pessoas circulam com metralhadoras: a sociedade civil israelense (os pacifistas), depois do que está acontecendo, ao máximo consegue expressar, em poucas dezenas de unidades, um protesto - enquanto da outra parte entram os carros armados nas casas. Há uma total inadequação, inclusive da cultura política, em relação a esta situação, que não pode ser enfrentada com os velhos instrumentos: neste lugar temos respirado não somente a inadequação, mas também o absurdo de pôr-se nos termos clássicos (mesmo do ponto de vista do movimento) de apoio à resistência e à luta do povo palestino como nos colocávamos em um cenário diferente.

Foi uma discussão importante: raciocinamos sobre que sentido dar às iniciativas dos próximos dias e sobretudo que tipo de mensagem deve partir daqui, não apenas pela descrição disto que estamos vivendo, mas também do ponto de vista dos conteúdos. Creio que esta reflexão sobre a necessidade de ultrapassar estes velhos conceitos de guerra e paz deveria ser um raciocínio que parte de Jerusalém, dos campos de refugiados nos quais conseguimos entrar, que parte da nossa própria iniciativa para abrir o debate no Movimento dos movimentos.

Aqui se vive uma tragédia, que vê - e este é um outro ponto da discussão - o fim da hipótese das Nações Unidas dos povos: nestes dias temos visto como estas sejam rituais, porque estamos falando de um mecanismo no qual a violação dos direitos humanos é constante, patente, contínua e vede a inércia e

a cumplicidade própria daqueles organismos internacionais que o movimento pacifista sempre relembra. Aqui acabou a época da ONU do povo, da ingerência humanitária: acabou a época da paz, precisamos de uma intervenção do ponto de vista da modificação radical da nossa relação com a guerra global permanente.

Nós estamos aqui também com as nossas contradições: o que significa interpor-se entre os carros armados e os homens-bomba? Como podemos realmente desenvolver uma diplomacia “por baixo”: dos movimentos? Nos sentimos inadequados e todos estão sentindo esta sensação, mas isto não significa que não se está aqui e que não se tenta construir algo de novo. Significa todavia que este algo deve sem dúvida ser novo: a verdadeira reflexão é sobre como conseguir sabotar a guerra.

Ou seja, a única forma de pensar a paz, em face dessa dinâmica, é combater contra a guerra global permanente.

Se por paz se entende uma situação congelada ou a existência de uma guerra combatida latente, a guerra global permanente apresenta diferentes níveis de intensidade, mas não pára nunca.

Precisamos redefinir, pois, o conceito de paz. A "transformação da guerra imperialista em guerra civil" foi o terreno ideológico para o nascimento dos movimentos operários e revolucionários do século passado. Hoje em dia, há uma guerra imperial permanente, não uma guerra imperialista para a conquista de novos territórios ou porções de mercado, ou de populações a serem mobilizadas na produção. Há uma guerra no Império. A guerra civil, terreno no qual aconteceu a transformação do conceito de guerra no Império, é hoje em dia uma guerra contra os civis. É isso que define a guerra como operação de polícia internacional: não porque é mais macia, não porque tem mais regras, nem porque pretende afirmar a ordem pública em termos globais, mas porque sua ação é dirigida contra os civis.

■.....Luca Casarini é um dos porta-vozes do movimento dos *Disobbedienti*, particularmente ativo na Caravana Zapatista (em 2000) e nas grandes manifestações de Genova contra o G8, em julho de 2001. Vide "A marcha planetária das montanhas mexicanas a Gênova", in Giuseppe Cocco e Graciela Hopstein, *As Multidões e o Império*. DPA. Rio de Janeiro. 2002. Vide também Luca Casarini. "Sem o Macacão Branco" in *Lugar Comum*, n. 15-16. Setembro 2001-abril 2002.